

A desvalorização cambial e seus reflexos na comercialização da safra 1998/99*

*Vivian Fürstenau***

1 - Alguns efeitos da desvalorização do real

O aprofundamento da crise cambial brasileira, que levou à adoção de um regime de câmbio flutuante, atualmente se concretiza numa forte desvalorização do real e está gerando uma alteração significativa na relação de preços internos da economia.

Os segmentos mais dependentes de insumos importados ou os que têm como importante componente de seu custo um produto exportável — como é o caso, na agropecuária, da avicultura em relação ao farelo de soja — já tiveram seus preços reajustados.

No atual quadro de descontrole da taxa de câmbio, não há como fazer previsões sobre os novos níveis de acomodação dos preços relativos da economia. O que se pode prever é um reajuste, automático ou em fase de implementação, dos preços dos bens que tenham a participação de insumos importados na composição de seu custo. Posteriormente, sofrerão reajuste de preços os bens e serviços oriundos de setores que demonstrem capacidade de pressão para recomposição de suas margens de lucro ou de seus rendimentos. No que diz respeito aos salários, as expectativas são de que este seja o último preço a ser corrigido.

* Este texto foi elaborado com informações obtidas até 19.03.99.

** Economista, Técnica da FEE.

A autora agradece a Marinês Z. Grando e a Maria Helena Sampaio pela leitura do texto e sugestões.

Nesse contexto, fica bastante evidenciado que o poder de compra dos salários tende a diminuir, e isso vai ocorrer na exata proporção da correção dos preços dos produtos e serviços. Além disso, as previsões de aprofundamento da recessão e o conseqüente aumento do desemprego tornam o quadro da demanda interna ainda mais desalentador.

Numa conjuntura de restrição de demanda no mercado interno, a situação será menos recessiva para os setores que possam canalizar a produção para o mercado externo. Na verdade, para alguns desses setores, a desvalorização cambial cria boas oportunidades de exportação, já que estas se tornaram mais competitivas. Esse é o caso do segmento produtor de carne de aves e de carne suína e, provavelmente, será também a saída para os produtores de carne bovina. No conjunto produtor de grãos, as maiores vantagens serão dos produtores de soja, que, num contexto de redução de preços no mercado internacional, têm a recomposição do valor do seu produto assegurada via desvalorização cambial.

O segmento produtor de carnes

As expectativas, que já eram favoráveis para as exportações do complexo carne, tornaram-se ainda mais otimistas com a desvalorização cambial. Assim, nos segmentos produtores de carne de aves, bem como nos das demais carnes (bovina e suína), pode-se dizer que, na atual conjuntura, há um grande otimismo com relação à exportação dos produtos originários do setor.

Com a crise na Ásia e a conseqüente perda do poder de compra dos países do Sudeste Asiático no segundo semestre de 1997, reduziram-se sensivelmente as exportações brasileiras de carne de aves para aquela região. Além da perda do poder de compra desses países, a desvalorização das moedas locais aumentou sua competitividade, e passaram a disputar os mesmos mercados para os quais o Brasil exportava. Com a atual desvalorização da moeda brasileira, o País volta a ser competitivo e pode viabilizar a retomada de alguns mercados.

A diminuição das exportações de carne de aves em 1998 decorreu também do agravamento da crise russa. No que se refere a esse país, o segmento que apresentou maiores perdas provavelmente foi o de produção de carne suína. Mas, nesse caso, não é possível dimensionar o quanto foi perdido, pois tratou-se mais de frustração de expectativas do que da redução de mercados já existentes. Ou seja, depois que o Brasil obteve, junto à comunidade internacional, o atestado de zona livre de peste suína, criaram-se grandes possibilidades de conquista do mercado externo. Essas expectativas fizeram com que fossem

enviadas missões para negociar contratos de venda de carne suína para alguns países europeus e, principalmente, para a Rússia. No entanto os embarques previstos não chegaram a se concretizar, pelo menos na magnitude esperada, já que este último país mergulhou numa crise econômico-financeira que acabou levando as autoridades russas à declaração de moratória.

Para o segmento produtor de carne bovina, os impactos da desvalorização cambial no mercado interno serão bastante severos, pois esse é um dos setores onde imediatamente são sentidos os reflexos de uma diminuição da massa salarial. Configurando-se essas previsões, a saída para a produção é o mercado externo, que apresenta boas perspectivas. A Argentina tem tido problemas com a produção de carne bovina desde 1998 e não há perspectivas de que possa aumentar suas exportações em 1999; os Estados Unidos tiveram sua produção interna diminuída, o que significaria maiores importações. São mercados que o Brasil poderia ocupar com exportações provenientes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, estados que, por terem obtido o reconhecimento de zona livre de aftosa com vacinação, estariam aptos para isso.

A produção de grãos

No conjunto de produção de grãos, as perspectivas pós-desvalorização cambial são bastante satisfatórias para os produtores de soja, produto para o qual o mercado internacional possui grande representatividade. A importância da produção brasileira de soja e seus derivados — como farelo e óleo — no comércio mundial pode ser medida pela influência que a desvalorização do real teve sobre o preço desse grão no mercado internacional. É um fato indiscutível, já configurado desde o ano passado, a existência de um contexto de baixa do preço da soja no mercado, decorrente do aumento dos estoques mundiais desse produto, aliado às boas safras que estão sendo colhidas na Argentina e no Brasil. No entanto, assim que foi noticiada a desvalorização do real, houve, na Bolsa de Chicago, pressões baixistas de preços, significando que os importadores de soja e derivados passaram a exigir uma fatia dos ganhos relacionados à desvalorização da moeda brasileira. Para os produtores brasileiros, mesmo com essas reduções apresentadas pelo preço da soja — que, em dólares, atingiu os menores níveis dos últimos 12 anos (SOJA..., 1999, p.B-22) —, o preço atual convertido para a moeda nacional é superior ao obtido na safra do ano passado.

Os demais grãos considerados — arroz, feijão, milho e trigo — são ofertados no mercado interno, e, com exceção do trigo, cuja oferta é em grande parte suprida via importações, as influências nos preços de comercialização deriva-

das da desvalorização cambial deveriam limitar-se às repercussões nos seus custos de produção decorrentes da utilização de insumos importados. No entanto alguns preços tendem a se elevar em relação aos patamares previstos anteriormente, uma vez que o processo de desvalorização da moeda praticamente elimina a concorrência dos produtos oriundos do mercado externo, cujos valores de importação foram substancialmente elevados via taxa cambial. É o caso do arroz e do milho. O feijão é uma exceção, já que o Brasil é um dos raros produtores e consumidores desse grão.

Quanto ao arroz e ao milho, os volumes de produção tornam o País quase auto-suficiente no que diz respeito ao abastecimento interno. A importação destes dois últimos, principalmente a de arroz, servia, antes de tudo, para balizar os preços internos através da complementação da oferta, evitando, dessa forma, pressões altistas decorrentes de restrições conjunturais. Desse modo, apesar de os preços desses dois grãos apresentarem tendência de alta, o contexto de quase auto-suficiência da produção interna deverá fazer com que a amplitude desse aumento não seja significativa. No que se refere ao trigo, a situação é diversa, pois o País requer importações para atender à demanda, uma vez que essa produção só pode ser viabilizada nas regiões de clima temperado do sul e, no Rio Grande do Sul — tradicional produtor —, a área plantada foi significativamente reduzida na atual década. Nesse caso, há uma tendência clara de aumento dos preços dos produtos derivados do trigo, como pães, massas, biscoitos, etc.

2 - As previsões para a produção da safra 1998/99

O impacto das pressões geradas pela desvalorização cambial sobre os preços agrícolas e, conseqüentemente, sobre os índices de inflação será minimizado neste trimestre com a entrada no mercado da safra de verão. Ao contrário de 1998, quando, em decorrência do fenômeno El Niño, houve uma redução importante em algumas produções agrícolas, para 1999 as expectativas de aumento da quantidade produzida — já delineadas no plantio, com o aumento da área plantada, e reiteradas no decorrer do período de cultivo, com a manutenção de condições climáticas regulares na maioria das regiões — apontam uma confirmação, e até superação, das expectativas iniciais sobre o volume de produção agrícola.

O aumento de 20% na área plantada de arroz no Brasil — em função dos bons preços obtidos na comercialização da safra passada — e a não-ocorrência

de problemas climáticos capazes de ocasionar perdas significativas como as ocorridas em 1998, especialmente no Rio Grande do Sul, indicam uma produção superior a 11 milhões de toneladas — um crescimento de mais 30% em relação à safra colhida no ano passado.

No Rio Grande do Sul, ocorreram alguns problemas de estiagem na fase inicial da cultura numa das principais zonas de produção, a Fronteira Oeste. Mesmo assim, devem ser colhidas no Estado quase cinco milhões de toneladas, o que significa um crescimento de 30% em relação à safra 1997/98. Tanto no Rio Grande do Sul como no Brasil, houve um aumento de área, e a não-ocorrência de sérios problemas climáticos eleva as perspectivas com relação à produtividade dessa lavoura gaúcha.

No que se refere à safra brasileira de milho, as previsões são de um total de 32,7 milhões de toneladas, representando um incremento de 8% em relação à colhida em 1997/98. Mesmo com o aumento do volume de produção, os efeitos da desvalorização cambial, ao impedir ou encarecer, sobremaneira, a importação de milho, tornam extremamente ajustado o quadro de oferta e demanda desse grão em 1999.

“Em 1998, o Governo possuía 4 milhões de toneladas de estoque inicial, e, apesar de uma presença constante no mercado interno, o setor consumidor absorveu 1,8 milhão de toneladas em importações. Essas importações, na verdade, é que fecharam o quadro de 1998 de forma tranqüila, tanto no que diz respeito ao volume necessário para atender à demanda como na questão da disponibilidade de milho de qualidade. Em abr.-maio, a Região Sul do País já estava recebendo milho argentino como forma de evitar altas exacerbadas nos preços internos.” (Safras Merc., 1999).

Além da possibilidade de recorrer às importações como complemento da oferta interna, houve, em 1998, como comentado anteriormente, uma severa restrição às exportações de carne de aves e de suínos, o que diminuiu as pressões de demanda por milho, um dos principais insumos da produção dessas carnes.

No momento atual, o contexto é bem diverso: ao quadro de contingenciamento das importações, agregam-se a possibilidade de retomada dos mercados asiáticos, principalmente para os exportadores de carne de aves, e os novos estímulos criados às exportações pela desvalorização cambial. É bem verdade que, internamente, há previsões de retração na demanda por carnes em geral, decorrentes tanto do aumento dos preços dos produtos dessas cadeias produtivas no quadro já descrito de dificuldades para recomposição dos salários como do acirramento da recessão com suas conseqüências sobre o aumento de desemprego.

Segundo o levantamento da Conab, divulgado em 23 de fevereiro, deverá haver um aumento de 40% na produção de feijão no Brasil, na safra 1998/99. Esse acréscimo na produção se deu em função do aumento da área plantada, em torno de 27%, crescimento este que já podia ser previsto com bastante segurança no ano passado, em função dos excelentes preços praticados em 1998. Desde 1997, os preços do feijão sinalizavam tendência de alta devido à quebra da 1ª safra do ano. Apesar dessa indicação de crescimento dos preços, não houve, para a safra 1997/98, um grande aumento da área plantada. Com a recorrente perda de produção de feijão durante 1998 — nas três safras do ano, houve quebra de produção devido ao excesso de chuvas geradas pelo El Niño —, o preço desse alimento elevou-se durante o período, atingindo patamares extremamente remuneradores para os produtores. Era de se prever, portanto, um aumento da área cultivada. Como não houve intempéries climáticas capazes de comprometer o bom desenvolvimento da cultura nessa safra, devem, então, se confirmar as previsões de crescimento da produção. Isso ocorrendo, e na dimensão projetada pela Conab, os preços de comercialização deverão apresentar, com certeza, um arrefecimento no seu crescimento e, o que é mais provável, apresentar até uma tendência declinante.

Tabela 1

Estimativas da área plantada e da produção de grãos no Brasil safras 1997/98 e 1998/99

CULTURAS	ÁREA PLANTADA (1 000ha)		Δ%	PRODUÇÃO (1 000t)		Δ%
	1997/98 (A)	1998/99 (B)		1997/98 (A)	1998/99 (B)	
Arroz	3 204,9	3 893,7	21,5	8 511,1	11 289,1	32,6
Feijão (total)	3 874,6	4 925,5	27,1	2 206,3	3 073,9	39,3
1ª safra	1 462,5	1 560,3	6,7	916,4	1 174,3	28,1
2ª safra	2 210,5	3 161,6	43,0	971,7	1 581,4	62,7
3ª safra	201,6	203,6	1,0	318,2	318,2	-
Milho (total)	11 414,8	12 741,1	11,6	30 218,9	32 655,2	8,1
1ª safra	9 096,5	10 422,8	14,6	24 645,4	27 081,7	9,9
2ª safra	2 318,3	2 318,3	-	5 573,5	5 573,5	-
Soja	13 155,3	12 910,8	-1,9	31 364,4	31 217,3	-0,5
Trigo	1 425,0	1 678,5	17,8	2 187,8	3 000,0	37,1

FONTE: Conab/DIDEM.

Para a produção de trigo, a Conab está prevendo um aumento de 18% na área a ser plantada. Considerando o que os técnicos desse organismo chamam de “produtividade de uma temporada normal” (CONAB, 1999, p.1), haveria um acréscimo de quase 40% no volume produzido de trigo no Brasil.

Abstraindo-se as questões climáticas, deve-se considerar o fato de que as perspectivas apontadas pela Conab para a produção brasileira de trigo foram ampliadas em relação às estimativas feitas no levantamento realizado em outubro de 1998. Essa reformulação provavelmente se deu em função da incorporação da nova variável, a desvalorização cambial, que, ao encarecer o produto importado, viabiliza a produção interna mesmo com um custo de produção um pouco superior ao aceito anteriormente. No Rio Grande do Sul, a produção de trigo sofreu reduções significativas na área plantada, em função da exclusão do processo produtivo de áreas de plantio, que, por não serem as mais indicadas para o cultivo desse grão, geravam maiores custos de produção. No entanto o fator relevante nesse processo de redução na área de plantio do trigo no Rio Grande do Sul foi a concorrência do produto importado, principalmente argentino, de melhor preço e qualidade. Agora, com a desvalorização da moeda, as vantagens de preço do produto importado são menores, e isso deve servir de incentivo para a retomada da produção em algumas áreas aptas para o cultivo no Estado. O fator limitante, no momento, passa a ser o aumento do preço dos insumos, que, por serem produzidos por empresas multinacionais, são cotados em dólar e, portanto, tiveram seus preços, na moeda local, reajustados em função do valor atingido pela cotação da moeda norte-americana em relação ao real. Isso onera sobremaneira a produção agrícola daqui para a frente. A produção de trigo no ano de 1999 será importante como sinalizadora das tendências futuras da produção agrícola nacional no novo contexto de diminuição da concorrência dos produtos importados, mas num quadro de elevação dos seus custos de produção.

Bibliografia

- ARROZ: expectativas em função da crise econômica brasileira (1999). **Safras & Mercado**, v. 12, n. 300, 22 fev.
- CARNES: exportações atingem US\$ 1,5 bilhão em 98 (1999). **Safras & Mercado**, v. 12, n. 276, 1 mar.
- CONAB. Acompanhamento da safra 1998/99: terceiro levantamento [on line] Disponível na Internet via **WWW.URL***: <http://www.conab.gov.br/html/abast/safra/avali.htm>. Arquivo capturado em 02/99.
- MILHO: desvalorizações cambiais inviabilizam importações (1999). **Safras & Mercado**, v. 12, n. 249, 22 fev.

- OFERTA de feijão pode ser menor em março (1999). **Safras & Mercado**, v.1, n.18, 1 mar.
- PECUÁRIA: desvalorização favorece o setor (1999a) **Safras & Mercado**, v.12, n.269, 18 jan.
- PECUÁRIA: possíveis reflexos da desvalorização cambial (1999b). **Safras & Mercado**, v.12, n.273, 15 fev.
- POLÍTICA Agrícola (1999). **Boletim Conjuntural**, Rio de Janeiro : IPEA, n.44, p.31-34, jan.
- PRODUÇÃO e consumo de arroz equilibrados (1999). **Safras & Mercado**, v.12, n.298, 8 fev.
- SAFRAS & MERCADO (1999). v.12, n.250, 8 mar.
- SOJA tem o menor preço em 12 anos (1999). **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 11 fev., p.B-22.
- SOUSA, Eduardo L.L., NUNES, Rubens, SAES, Maria S.M. (1999). Desvalorização cambial e seus impactos sobre a agricultura brasileira. **Preços agrícolas**, USP/ESALQ – DEAS / CEPEA, v.14, n.148, fev.
- USDA confirma aumento de projeção para os estoques de soja nos EUA. (1999). **Safras & Mercado**, v.22, n.1034, 15 fev.